

Ficções da identidade judaica na literatura

Prof. Dr. Gerson Luiz Roani¹ (UFV)

Resumo:

O imaginário judaico sempre se constituiu como uma das fontes inspiradoras da arte literária. Essa constatação leva a considerar que a minoria judaica tem contribuído em inúmeros campos da cultura ocidental ao longo dos séculos. No âmbito da literatura, essas contribuições também foram sentidas pela amplitude com que os judeus desdobraram em coordenadas sócio-culturais diversas uma apaixonada relação com o livro. A cultura literária do Ocidente não pode recusar à tradição judaica uma importância inegável, pois o judaísmo forneceu a escritores de diferentes nacionalidades, motivos, imagens e temas para a confecção de suas obras. Incontáveis criadores artísticos revisitaram o imaginário judaico, de acordo com justificações criativas e escriturais que ultrapassam os limites do corpus cultural hebraico.

Palavras-chave: imaginário, judaísmo, intertextualidade, tradição, história da literatura.

Introdução

No nosso tempo, as relações e aproximações entre os povos e as culturas são empreendidas pelas tentativas de anular e neutralizar as diferenças, em benefício da adoção de uma consciência interativa e globalizada. Claro está que não podemos estar envolvidos exclusivamente com nós mesmos, aprisionados num trágico fala-só e, portanto, alheios a esse processo de interação e aos benefícios decorrentes de tal integração. Esses novos caminhos devem ser trilhados com uma profunda consciência da nossa própria especificidade cultural, seja ela européia, africana, oriental ou latino-americana. É com base nesse horizonte identitário, no qual se delineia simultaneamente a integração e a consciência das diferenças, que se circunscreve a reflexão empreendida nesta comunicação, a qual se debruça sobre um terreno fértil para a investigação em literatura comparada e que consiste no exame da presença judaica no âmbito da ficção literária.

Tal percurso analítico apóia-se na convicção de que qualquer abordagem do texto literário conduz a um processo de leitura que compreende a obra de ficção como aberta, atualizada e transformada à medida que se torna solicitação de um determinado leitor. A compreensão da escritura literária é empreendida em consonância com a situação existencial do leitor, a cultura em que está inserido, os gostos, as tendências e os preconceitos pessoais. Cada leitura é, pois, uma interpretação e uma execução que faz a obra reviver a partir de uma perspectiva original. Portanto, ler implica um sujeito comprometido com a carga ideológica pessoal e a do seu tempo, estando também inserido no âmbito do público ao qual o discurso se destina. A partir desses pressupostos, pode-se falar da existência de uma variedade de condições que influenciam a leitura: condição feminina, masculina, político-econômica, sócio-histórica e, no caso em questão, judaica.

Literatura e Imaginário Judaico: Intersecções

Quando considero essa presença judaica a influenciar a produção e a leitura da textualidade artística, a memória evoca um dado fundamental para a cultura do povo judeu e que se encontra exposto na Bíblia. Trata-se da exortação feita por Moisés ao povo hebreu, no *Deuteronômio*: “Lembra-te dos dias de outrora, considera os anos de geração em geração, pergunta a teu pai, e ele te informará, aos mais velhos, e eles te dirão” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1989, 1.135).

Essa exortação delimita uma inclinação profunda da identidade judaica: estudar o passado e escrever a história. Isso não causa estranheza, pois ao longo desses dois mil anos de cultura judaico-cristã, a Bíblia pode ser considerada, não só o principal livro religioso dos judeus, mas a história dos

desdobramentos da identidade judaica a partir de sua fonte matricial. A exortação de Moisés parece ter encontrado entre a gente hebréia um terreno muito fértil, pois, se Deus existir de fato, ele se manifesta em dois planos, o da relação pessoal e o da História.

Sem querer entrar no terreno tão escorregadio da fé e teologia judaicas, há um aspecto cultural que se impõe de imediato a qualquer observador atento, judeu ou não. Isto é, na concepção judaica, o passado volta constantemente a produzir-se, ao ritmo do calendário lunar judaico, com seu cortejo de festas que comemoram os fatos passados para melhor atualizá-los, no “tempo do agora” (*JetztZeit*), como escreveu Walter Benjamin (1996). O texto da *Haggadá* (narrativa), por exemplo, lido todos os anos na festa de *Pessach*, comemorativa do êxodo, conclama cada hebreu, de todas as gerações, a considerar-se alguém que acaba de sair do Egito. É essa importância do passado sempre vivo que explica o arraigado interesse dos judeus por sua história e que encontrará, na Literatura, um espaço privilegiado de transfiguração e de recepção, em todos os tempos.

O povo judeu é um povo da memória. Essa memória não se reduz às lembranças das tragédias vivenciadas por Israel, ao longo da sua história. Trata-se de uma memória que retém um conjunto de eventos reais e imaginários que faz com que nós os vivenciemos hoje. A memória é nossas raízes, sem as quais a árvore da vida, do conhecimento do bem e do mal, não pode nem ter, nem dar frutos. Esta memória coletiva encontra sua inscrição na Bíblia. É através das histórias relatadas pela Bíblia, pelo *Midrach*, pelo *Talmud* e, nos últimos séculos, pelas diferentes literaturas nacionais em línguas européias, que os judeus se reconhecem enquanto tais e, por sua vez, os não judeus os reconhecem como grupo marcado pela singularidade. Trata-se de um processo de construção e de reconhecimento da identidade fundado numa “identidade narrativa”, para evocarmos a bela expressão de Paul Ricoeur (1997), que pode ser traduzida através da idéia de que Israel é, por excelência, “um livro”.

É essa condição e sua instigante interlocução com a arte literária que leva a considerar que a minoria étnica judaica, a comunidade religiosa, ou como quer que se denomine esta complexa entidade/identidade cultural de raízes milenares, tem contribuído em inúmeros campos da cultura ocidental ao longo dos séculos. No âmbito da literatura, essas contribuições também foram sentidas pela amplitude com que o povo hebreu desdobrou em coordenadas sócio-culturais diversas e – por que não dizer? – em circunstâncias adversas a sua cultura, uma intensa relação com o livro. Isso pode ser identificado no envolvimento que levou o povo judeu a traduzir suas tradições religiosas e éticas, mediante a criação de gêneros textuais, os quais revelam a pluralidade de faces assumidas pela identidade judaica ao longo dos últimos dois mil anos: A Bíblia, comentários teológicos e filosóficos sobre a fé hebraica, a Cabala, narrativas épicas, poesia sacra e profana. Com base nessa identidade cultural, sintomatizada em vários gêneros textuais, inúmeros escritores criativos judeus deram valiosas contribuições às várias literaturas dos diferentes países em que foram acolhidos em meio à Diáspora, nos quais nasceram e construíram suas existências. Assim, torna-se oportuno mencionar autores judeus significativos como Heine, Franz Kafka, Samuel Usque, Philip Roth, Primo Levy, Bellow, Malamud, Wasserman, Babel, Agnon, Aguinis, Bashevis Singer, Elias Canetti, Moacyr Scliar, Samuel Rawett, Clarice Lispector, dentre outros.

O fato desses escritores possuírem em comum a origem judaica não fornece fundamentos para compreender o engenho e a criatividade de que são ou foram dotados, bem como o reconhecimento do público e da crítica. O vínculo existente entre eles pode ser estabelecido a partir de um dado concreto: todos nasceram de pais judeus e foram criados numa atmosfera judaica. Em outras palavras, o fato de um escritor nascer sob o signo da ascendência judaica não implica a existência de uma relação causal entre a sua condição judaica e o valor artístico das obras produzidas. Seria simplório considerar as relações entre a Literatura e a tradição cultural judaica com base nesse horizonte limitador (SHAKED, 1998).

Penso que é o próprio artefato literário, em várias literaturas nacionais, que sugere e delinea o rumo de quaisquer indagações sobre as complexas relações da arte literária com a cultura judaica e

suas faces ao longo dos séculos. Na esteira da lição de Shaked (1998), isso gera uma questão importante do ponto de vista da criação literária: Será que podemos localizar alguma estrutura/substrato comum a escritores judeus ou não, cujas obras estão circunscritas a diversas línguas nacionais e com diferentes panos de fundo nacionais? Como localizar esse elemento e o que é que estaremos aptos a descobrir?

Poder-se-ia perguntar se há algum sentido em ler sob o enfoque judaico, autores como Kafka, o qual revela uma espécie de silêncio total em relação ao universo do judaísmo e que todas as culturas são unânimes em reconhecer como uma das mais expressivas vozes da Literatura Universal. Que tipo de relação pode existir entre essa obra e a minoria judaica? Há alguma particularidade judaica no impacto universal obtido por Kafka? O mesmo poder-se-ia dizer de uma escritora como Clarice Lispector ou mesmo de Samuel Rawett, em coordenadas brasileiras.

Tais questões podem ser postas em relação a inúmeros escritores pertencentes a tempos muito diversos da história da literatura. Com isso, pretendo tornar visível, do ponto de vista da abordagem do literário, a reação de um leitor, lendo textos judaicos ou de “expressão judaica” e tentando explicar suas estruturas, temas e motivos de codificação textual.

Em outras palavras, a questão consiste em determinar como na obra de inúmeros escritores, em diferentes épocas, a herança cultural judaica influenciou significativamente as suas realizações artísticas. Sobre essa influência do imaginário hebreu, nos sendeiros ficcionais trilhados pela Literatura do Ocidente, bem como sobre a necessidade de detectar essa invariante judaica em autores expressivos de diferentes literaturas, assim, expressou-se um dos mais significativos pensadores do fenômeno literário em nosso tempo: o teórico George Steiner:

A universalidade modelizante do código das Escrituras durou sensivelmente mais do que a força da religião. O Deus dos filósofos e dos leigos iluministas pode ter morrido no século XIX, mas o Deus da Bíblia e a linguagem e a visão de mundo gerada por sua presença narrativa continuam formidavelmente vivas e operantes nos escritos de Thomas Hardy, Thomas Mann, Gide, Proust. Nós não teríamos os ritmos da prosa de Hemingway sem os “Eclesiastes”, nem as tristezas dinásticas de Faulkner sem as “Crônicas” e os “Livros dos Reis”. O mundo de Schoenberg é bíblico até o âmagô e “Fim de Jogo” de Beckett é uma meditação exata sobre os instrumentos e as finalidades da Paixão (STEINER apud ALTER; KERMODE, 1997, 376).

A citação de George Steiner permite vislumbrar que a cultura do Ocidente não pode recusar à tradição judaica uma importância inegável. Repudiar o legado judaico à cultura e à literatura, negar que o Judaísmo tenha inspirado e fornecido a muitos escritores motivos, imagens e princípios hermenêuticos para a confecção de suas obras empobrece a própria visão da natureza dialógica do fenômeno literário, em cuja estrutura subjaz uma formidável capacidade de *referência desdobrada*, para lembrarmos a bela expressão cunhada por Paul Ricoeur (1997). Tal expressão serve para designar, aqui, a interlocução constante e múltipla da Literatura com outros sistemas de conhecimento humano e com outras formas artísticas, procurando, assim, operar no sentido de compreender e humanizar o próprio homem.

Esta dimensão dialógica da Literatura, que a leva a estabelecer relações interdisciplinares com outras modalidades cognitivas, justifica a perspectiva condutora da nossa reflexão, pois a cultura judaica legou à civilização humana uma ampla diversidade de documentos contendo antigas histórias, poemas sacros e profanos, leis, profecias e narrativas que a maioria de nós sequer pode ler nas línguas originais em que foram escritas: aramaico, hebraico e Ídishe. Entretanto, nós vivemos com essa tradição judaica durante toda a vida. Isto é, a linguagem, a cosmovisão judaica, as suas mensagens religiosas e éticas, além das histórias bíblicas, constituem-se para todos nós, crentes ou não, como uma realidade, simultaneamente, estranha e familiar (ALTER; KERMODE, 1997, 11).

A estranheza e a familiaridade desta presença, pairando como uma sombra tutelar sobre a cultura do Ocidente, tem levado incontáveis escritores em todos os tempos e lugares a revisitar o imaginário judaico, de acordo com justificações criativas e escriturais que ultrapassam os limites das considerações religiosas inerentes ao *corpus* cultural hebraico. Com isso, postula-se que o universo judaico mostra-se como uma das mais importantes fontes geradoras da criação ficcional de todo o nosso patrimônio literário ocidental.

Acerca desse influxo criativo, importa estabelecer, breve e concisamente, numa perspectiva histórica, alguns momentos relevantes da presença do imaginário judaico na Literatura Ocidental. Com base nessa perspectiva, nas cantigas trovadorescas e na dramaturgia medieval, o mundo do Judaísmo é representado em viva oposição aos valores e à ordem cristã institucionalizada. Nessas composições, os judeus são mostrados como cobiçosos, usurários e errantes amaldiçoados, destinados a vagarem sem descanso sobre a terra por terem rejeitado a mensagem messiânica e dado morte ao salvador do mundo. São casos exemplares as muitas cantigas trovadorescas compostas por Alfonso X, El Sábio, rei de León e Castilla, autor das célebres *Cantigas de Santa Maria* ou as peças teatrais de um Gil Vicente, no Quinhentos português.

No Renascimento e no Barroco, os poetas líricos apropriaram-se de temas lírico-religiosos provenientes da tradição bíblica. Assim, em Camões, por exemplo, o tema do exílio israelita junto aos canais de Babilônia serve para cantar em versos de nítida natureza intertextual com o magnífico *Salmo 136*, o amor distante, metaforizado e identificado com Lisboa, espaço de sonho e desejo, às margens do Tejo, como se pode ler pelos fragmentos selecionados das redondilhas de *Sôbolos Rios*.

Primeiramente, destaco o *Salmo bíblico* e sua atmosfera elegíaca apoiada nas saudades de Sião, em meio ao exílio hebreu em Babilônia, após a queda de Jerusalém em 587:

À beira dos canais de Babilônia
Nos sentamos e choramos
Com saudades de Sião
Nos salgueiros que ali estavam
Penduramos nossas harpas.
Lá os que nos exilaram
Pediam canções
Nossos raptos queriam alegria:
“Cantai-nos um canto de Sião!
Como poderíamos cantar
Um canto do Senhor
Numa terra estrangeira?
Se eu me esquecer de ti, Jerusalém,
Que me seque a mão direita!
Que me cole a língua ao paladar,
Caso eu não me lembre de ti,
Caso eu não eleve Jerusalém
Ao topo da minha alegria!
Adonai, relembra
O dia de Jerusalém
Aos filhos de Edom,
Quando diziam: Arrasai-a!
Arrasai-a até os alicerces!
Ó devastadora filha de Babel,
Feliz quem devolver a ti
O mal que nos fizeste!
Feliz quem esmagar teus bebês
Contra a rocha! (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1989, 1102).

O Salmo torna-se o mote formal e temático para Camões (1992, 123-134), tecer um lamento impregnado de esperança, no que concerne ao desejo do eu-lírico de se reencontrar com a realidade da pátria, abandonada por causa do exílio forçado:

Sôbolos rios que vão
Por Babilônia, me achei
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião
E quanto nela passei.
Ali, o rio corrente
De meus olhos foi manado;
E, tudo bem comparado,
Babilônia ao mal presente,
Sião ao tempo passado. [...]
Bem são rios estas águas
Com que banho este papel;
Bem parece ser cruel
Variedade de mágoas
e confusão de Babel.[...]
Assim, depois que assentei
Que tudo o tempo gastava,
Da tristeza que tomei,
Nos salgueiros pendurei
Os órgãos que cantava.[...]
Terra bem-aventurada,
Se, por algum movimento,
Da alma me fores mudada,
Minha pena seja dada
A perpétuo esquecimento. [...].

No *siglo de oro* espanhol, um místico como San Juan de la Cruz percebeu a inesgotável fonte de inspiração poética que emanava da poesia hebraica. Isso fica perceptível se contrastarmos o texto bíblico do *Cântico dos Cânticos* com uma das engenhosas poesias místicas do religioso espanhol.

Na sequência, transcrevemos um excerto do *Cântico dos Cânticos*, no qual é colocada na voz da Amada, a temática da busca amorosa. A cena é encantadora: a noite, a corrida através da cidade, os guardas, o amado à porta querendo entrar. A amada se importuna e apresenta pretextos fúteis, desmentidos pela sua pressa em abrir, mas ele desapareceu e ela não o encontra. Lê-se no texto bíblico:

Eu dormia, mas o meu coração velava
E ouvi o meu amado que batia:
Abre minha amada, minha irmã,
Pomba sem defeito!
Tenho a cabeça orvalhada,
Meus cabelos gotejam sereno!
Já despi a túnica,
E vou vesti-la de novo?
Meu amado põe a mão pela fenda porta:
As entranhas me estremecem,
Minha alma, ouvindo-o, se esvai.
Ponho-me de pé
Para abrir ao meu amado:
Minhas mãos gotejam mirra,
Meus dedos são mirra escorrendo
Na maçaneta da fechadura.

Abro ao meu amado,
Mas o meu amado se foi...
Procuro-o e não o encontro.
Chamo-o e não me responde...
Encontraram-me os guardas que rondavam a cidade.
Bateram-me feriram-me,
Tomaram-me o manto
As sentinelas das muralhas!
Filhas de Jerusalém eu vos conjuro:
Se encontrardes o meu amado
Que lhe direis?
Que estou doente de amor!(BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1989,1192-1193).

Em poemas barrocos escritos por um San Juan de La Cruz (1980, 30), tais como “Chama”, “Noite escura” e “Subida do Monte Carmelo” subjaz a conciliação entre corpo e alma, misticismo e erotismo, só até então alcançada no *Cântico dos Cânticos*.

Onde é que te escondeste,
Amado, e me deixaste com gemido?
Como o servo fugiste,
Havendo-me ferido;
Saí, por ti clamando, e eras já ido.
Além, pelas malhadas, ao Outeiro,
Se, porventura, virdes
Aquele a quem mais quero,
Dizei-lhe que adoeço, peno e morro [...].

As realizações literárias de autores modernos e contemporâneos também exploram a invariante judaica. Sob o prisma da paródia e da crítica corrosiva, um Eça de Queirós valeu-se com frequência de imagens e motivos da cultura judaica para espelhar em coordenadas portuguesas, os profundos conflitos que atingem homens e sociedades indistintamente.

Em *Sodoma e Gomora* de Marcel Proust essa temática é retomada e transfigurada pela construção de um painel, onde é veiculada a crítica à alta burguesia da sua época. A história bíblica do jovem José, vendido como escravo pelos irmãos invejosos, originou o notável trabalho do escritor alemão Thomas Mann: *José e os Cinco Irmãos*. Nos últimos anos, destacam-se as produções de Nikos Kazantzakis com *O Cristo Recrucificado* e de José Saramago pelo seu polêmico *Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Entretanto, em nenhum desses autores mencionados, encontra-se a predileção pelos temas da tradição mística e cultural judaica como nas narrativas e poemas do argentino Jorge Luis Borges e de uma plêiade de escritores latino-americanos (ROANI, 2003).

O encantamento de Borges pela tradição hebraica pode ser expresso através de uma pergunta que o contista, freqüentemente, se colocava: Em que a Sagrada Escritura, o texto hebraico por excelência, difere de outros livros? Diz o artista que na tradição literária ocidental, não existem textos absolutos. Segundo Borges, por mais notáveis que muitas obras da Literatura do Ocidente possam ser, elas jamais podem ser consideradas plenamente acabadas, perfeitas em todos os seus aspectos constitutivos.

Ao tomar contato com os escritos da mística judaica, Borges impressionou-se com o “modus operandi” da Cabala, o qual está baseado numa premissa que contraria a lógica ocidental: a idéia de que a Escritura é um texto absoluto, no qual nada pode ser obra do acaso. Isso equivale a dizer que por ser ditada pelo Espírito Santo, a Sagrada escritura não apresenta lacunas, gretas e fendas. Como uma inteligência infinita, o Espírito Santo condescendeu à tarefa humana de redigir um livro. O Espírito transformou-se em Literatura: “Se creia que cada palavra, que cada hexasmetro fueran inevitavelmente admirables” (BORGES, 1974, 267).

Não causa estranheza esta devoção intelectual pelo imaginário judaico tão perceptível na obra borgeana, pois o escritor argentino constantemente afirmou sua admiração pelo povo hebreu como aquele que legou à palavra escrita e ao livro a dimensão do sagrado (ROANI, 2003, 116). Borges mencionou reiteradas vezes a fascinação de poder determinar na secular genealogia familiar um momento em que esse sangue havia sido judeu. Em um poema, *A Israel*, Borges canta a curiosa inquietude sobre as raízes ancestrais, escavadas e purificadas pelos versos da ficção (1974, 145):

Quem me dirá se estás no perdido
Labirinto de rios seculares
De meu sangue, Israel? Quem, os lugares
Que meu sangue e teu sangue percorreram?
Não importa. Sei que estás no sagrado
Livro que abarca o tempo e que a história
Do rubro Adão resgata e a memória do crucificado.
Nesse livro estás, que é o reflexo
De cada rosto que sobre ele se inclina.
E do rosto de Deus, que em seu complexo
E árduo cristal, terrível se advinha.

O poema mostra que as circunstâncias existenciais e históricas fizeram o judeu considerar o livro como uma espécie de Pátria que podia ser transladada para onde quer que fosse. Nessa pátria portátil, encontrava os legados da memória ancestral, a razão de ser e, principalmente, de teimosamente continuar a existir num tempo que, muitas vezes, negou-lhe dignidade humana. O livro tornou-se o espaço especular de reencontro da dignidade, da integridade individual e coletiva. O livro é esse lugar de desterro onde um povo disperso pelos quatro cantos da terra encontrou a cada leitura sua redenção.

Segundo Sholem (1981), tal atitude está presente na mística judaica através da crença de que a Torá, o livro, por excelência, é anterior à própria criação do universo. É desse livro que procede todo o existente e o que há de surgir. Nesse texto, tudo está justificado e cada silêncio cifra um sentido, que constrói uma outra ordem fundada na proclamação primeira da palavra. Na concepção judaica, a palavra é um fenômeno transtemporal. A palavra opera a presença do outro em mim, a presença do “tu” em meu “eu”. Para os judeus, o livro significava fazer-se um para sempre. Trata-se de uma sabedoria do temporal que diagramou em letras a polissemia do temor religioso, que elevou o fervor à condição de linguagem, que se abriu para a riqueza eterna da vida, insistindo na interrogação sobre a insuficiência humana e que é a busca da palavra ausente o que nos envolve e solicita na sucessão dos anos.

Conclusão

A interlocução entre a literatura e a tradição cultural judaica evoca a noção de intertextualidade, essencial ao estatuto disciplinar da Literatura Comparada. Tal conceito possibilita analisar como certas imagens, estruturas e argumentos foram resgatados e reelaborados nas obras de autores e sistemas literários distintos, expressando a tendência salutar de ultrapassar fronteiras artísticas e intelectuais, além da interlocução criativa da literatura com outras formas artísticas e outras modalidades de conhecimento. A intertextualidade é um mecanismo do qual a literatura se vale para investigar os construtos literários na sua interação com outros discursos, sejam eles literários ou não. De acordo com o que expus acerca da emergência do imaginário judaico na arte literária, se constata a presença de uma invariante na tradição literária do Ocidente, que, pela natureza das suas imagens, motivos, argumentos e temas, poder-se-ia denominar judaica. Isso obriga o investigador do literário a interrogar por que os textos literários de inúmeras literaturas nacionais revisitam, reescrevem e conferem um sentido inédito a elementos textuais oriundos da multifacética cultura judaica. Aqui, a noção de intertexto reitera que os caminhos da Literatura e do

Judaísmo se bifurcam, conduzindo ao mesmo lugar: aos labirintos da memória, à força de um povo milenar, à Sagrada Escritura como um poema incessante, ao nome impronunciável, à palavra iluminadora da desordem do mundo. É essa palavra que nos impede de cair nos braços do acaso, pois nos devolve o significado último das nossas vacilações de percurso: a necessidade e a coragem de sobreviver, apesar de tudo.

Referências Bibliográficas

ALTER, Robert; KERMONDE, Frank (org.) **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica. Arte e política**. 10^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BORGES, Jorge Luis. **Obras completas**. 16. ed. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1989.

CAMÕES, Luís de. **Lírica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

CRUZ, João da Cruz. “Poesias”. In: __. **Obras Completas**. 2^a Ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MAYER, Hans. **Historia maldita de la literatura**. La mujer, el homosexual, el judío. Madri: Taurus, 1982.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa – Tomo III**. Campinas: Papirus, 1997.

ROANI, Gerson. **Literatura e judaísmo: o rosto judeu de Borges**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2003.

SHAKED, Gershon. **Sombras de identidade**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

SHOLEM, Gershon. **As grandes correntes da mística judaica**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

¹ Gerson Luiz ROANI, Prof. Dr.
Universidade Federal de Viçosa (UFV)
E-mail: roani@ufv.br